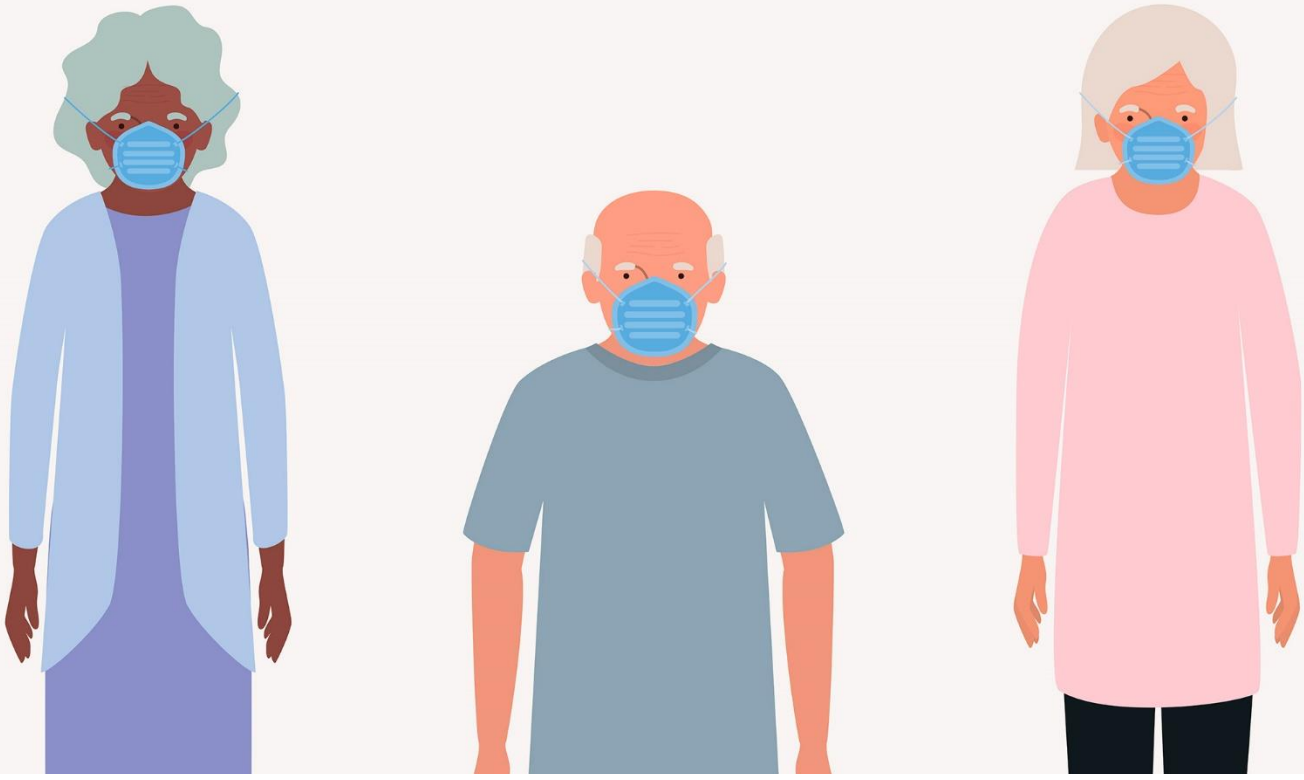
ONDE ESTÃO OS IDOSOS ?

CONHECIMENTO CONTRA O COVID-19

Coordenação: Marcelo Neri



FGV SOCIAL
CENTRO DE POLÍTICAS SOCIAIS

www.fgv.br/fgvsocial/covidage

Onde estão os idosos?

Conhecimento contra o Covid-19[1]

Sumário Executivo

Coord. Marcelo Neri – FGV Social – marcelo.neri@fgv.br

"O homem não vê o universo desde o universo,

o homem vê o universo desde um lugar"

Milton Santos, Geógrafo

(e não era apenas a espacialidade que ele parecia se referir)

Dada a natureza mundial da pandemia do novo coronavírus (Covid-19) e a diferenciação de suas consequências nos diversos estratos sociais, econômicos e geográficos, o desafio é pensar global para agir local. O Brasil é um pais de dimensões continentais, cuja diversidade e desigualdade nos fazem uma amostra representativa do mundo. As lições extraídas daqui serão uteis tanto para países ricos como para países pobres, retardatários da epidemia.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), ainda é cedo para estimar os efeitos do Covid-19. Porém, já se sabe que pessoas idosas e pessoas que apresentaram condições médicas delicadas anteriores ao contato com o vírus se mostraram mais propensas a desenvolver um quadro severo da doença, consequentemente, estando ambos sujeitos a uma maior taxa de letalidade. Em particular, as taxas de letalidade naqueles com 80 ou mais anos de idade são 13 vezes o valor daquela na faixa de 50 a 55 anos e 75 vezes àquelas na faixa de 10 a 19 anos de idade. Portanto, localizar os idosos é fundamental.

O objetivo fundamental desta pesquisa é municiar os gestores de políticas públicas com informações detalhadas sobre os grupos etários mais avançados. Somos todos gestores de políticas, nossas ações e inações cotidianas podem significar vida, ou morte, aos nossos queridos anciões.

Este texto é um guia para o uso de um amplo e amigável banco de dados interativo com mapas, rankings, tabuladores e simuladores de modelos estatísticos disponibilizados na página www.fgv.br/fgvsocial/covidage. O lema é transformar informações públicas em conhecimento próprio para reconhecer os seus respectivos dados de realidade. O conjunto da obra permitirá a cada um responder a questões diversas: (i) quem são os idosos brasileiros?; (ii) como se sustentam?; (iii) onde vivem? As respectivas respostas visam ajudar no desenho de políticas locais e individuais para mitigar os efeitos mais graves da pandemia, senão vejamos:

[1] Site em Inglês - www.fgv.br/fgvsocial/covidageEn / Site em Português -www.fgv.br/fgvsocial/covidage / Pesquisa em Espanhol - https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/Covidage-FGV-Social-ESP.pdf

Quem são? – Segundo nossos cálculos sobre os microdados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) anual, em 2018 o Brasil possuía 10,53% da sua população com 65 anos ou mais de idade, um aumento de aproximadamente 20% em relação à taxa registrada em 2012. Os idosos estão mais presentes entre as mulheres e entre amarelos e/ou brancos, função da maior expectativa de vida e de uma taxa de fertilidade menor.

Dentro do domicílio, os idosos correspondem a 19,3% das pessoas de referência, ou chefes de domicílio, portanto acima da vista na média geral (10,53%) corroborando a ideia deles como arrimo de família. A segunda posição no domicilio mais relevante é outro parente da pessoa de referência (11,5%). Neste campo, correspondem a quase totalidade (91,5%) dos avós (em relação à pessoa de referência). Boa parte dos sogros ou sogras (69%) e dos pais ou mães (61,2%) também estão no que passou a ser grupo de risco. Isto sugere dificuldade na política de isolamento domiciliar. Por outro lado, domicílios com idosos são 25,6% menores em número de pessoas que a média. A próxima etapa desta pesquisa, a ser lançada em breve, irá detalhar o perfil de quem mora com os idosos.

Quanto ganham? - No que diz respeito à distribuição pelas faixas de renda, idosos são 17,44% dos 5% mais ricos brasileiros e 1,67% dos 5% mais pobres brasileiros. Assim, os idosos são mais presentes nas classes mais abastadas: 15,54% da classe AB e 13,07% da classe C possuem 65 anos ou mais de idade contra 1,4% deste grupo na Classe E.

De acordo com o Gini, há 10% menos desigualdade de renda per capita entre idosos. Este grupo também é menos exposto à pobreza: 2,37%, contra 11,5% da média nacional, ou 20,29% das crianças de 0 a 4 anos segundo a linha do FGV Social de R$ 246 a preços de hoje.

A base permite acompanhar a trajetória das mesmas pessoas ao longo do tempo. Captamos aqui os movimentos em torno da linha absoluta de pobreza do FGV Social, os idosos inicialmente não pobres tinham 1,58% de probabilidade de se tornarem pobres no curso de um ano, contra 5,06% da média geral. Ao passo que dos idosos* pobres, a maioria (70,51%) deixou este estado crítico de um ano para o outro contra 28,77% da média.

Esses números são explicados pela abrangente rede de proteção social oferecida aos idosos no Brasil. Eles compõem boa parte do universo de recebedores das aposentadorias da previdência social (59,64%) e dos benefícios do BPC (40,78%), porém, praticamente não recebem renda do Bolsa Família (0,89%), que oferece, em média benefícios 5 vezes menores que os do BPC. As maiores homogeneidade e estabilidade de situações dos idosos e a existência de políticas de rendas facilitam o desenho de ações de mitigação dos efeitos do Covid-19 para este grupo.

No que diz respeito à escolaridade, a taxa de idosos entre os pouco escolarizados costuma ser maior. Entre os analfabetos é altíssima, chegando a 30%. Idosos têm 3,3 de estudo completos a menos que a média. No tocante a ativos físicos, a taxa de idosos é maior entre aqueles que possuem casa própria em terreno próprio (13,17%), com baixo acesso à internet (22,47% dos brasileiros sem internet em casa são idosos), mas com acesso à TV (12% dos que tinham TV eram idosos, enquanto 10,22% dos que tinham canais a cabo estavam nesse grupo).

Onde estão? - Sobre a localização dos idosos a Unidade da Federação (UF) que possui maior taxa de idosos é o Rio de Janeiro (13,06%), uma espécie de Flórida brasileira, seguido pelo Rio Grande do Sul (12,95%), São Paulo (11,27%) e Minas Gerais (11,19%). Portanto, os idosos brasileiros

* Neste caso trabalhamos com a faixa de 60 anos ou mais. O banco de dados em suas diversas dimensões contempla estas e outras faixas etárias como 80 anos ou mais, 85 anos ou mais e grupos intermediários.

estão localizados no Sudeste. Em contrapartida, a região Norte é a que apresenta o menor percentual de idosos. Roraima (5,26%), Amapá (5,75%), Amazonas (6,7%), Acre (6,9%) e Pará (7,07%) ocupam as últimas posições do ranking por UF em 2018.

A capital fluminense, Rio de Janeiro, também é a que apresenta o maior percentual de idosos (14,5%). Se descermos ao nível de bairros a partir do último Censo Demográfico, os líderes são Copacabana, Flamengo, Ipanema e Leblon. A Região Administrativa da cidade com maior proporção de idosos projetada em 2020 é Copacabana, com 27,48%, número que corresponderia a um segundo lugar no ranking mundial se o bairro fosse um pais. Ou seja, a velha Guanabara não é habitada por jovens bronzeados, mas por idosos igualmente bronzeados.

Além disso, a periferia metropolitana do Grande Rio também é a que apresenta maior percentual de idosos do país (11,9%), portanto, é esperado que o governo do Estado e da Cidade do Rio de Janeiro se antecipem nas medidas de isolamento da população uma vez que possuem a maior taxa de pessoas vulneráveis na população relativamente às demais regiões do país. Porto Alegre vem em seguida, com 14,05% da população de idosos. A taxa de idosos na periferia metropolitana de Porto Alegre é de 10,67%, a segunda maior no país, mostrando, consequentemente, que medidas de isolamento também são necessárias na região[3].

Mundo - O líder do ranking mundial de envelhecimento em 2020 é o Japão, com 28,4% da população idosa, seguido da Itália (23,3%). Enquanto isso, o continente africano e o Oriente-Médio representam as frações mais pobres do mapa-múndi. Emirados Árabes Unidos (1,26%), Catar (1,69%) e Uganda (1,99%) apresentam as menores taxas de idosos. Esta taxa segue a renda pelo mundo, ou seja, territórios mais ricos tendem a apresentar maior proporção da população envelhecida. O Brasil se encontra, na média, em uma categoria intermediária. Entretanto, ela muda de acordo com o estrato de renda. Num conjunto de 98 países, o Brasil é 80º do ranking entre os 20% mais pobres e 31º do ranking entre os 20% mais ricos.

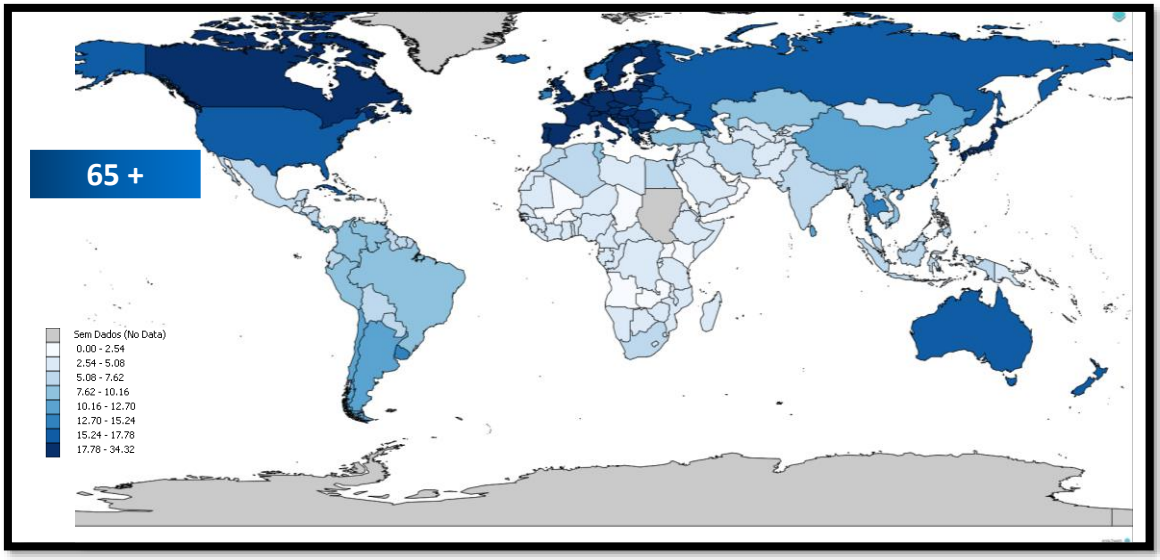
Esta crise sanitária se propaga inicialmente para pessoas mais ricas de lugares mais ricos, conectados às redes de viagens internacionais. Nova York, Milão e São Paulo representam os maiores focos da pandemia em seus respectivos países. Neste aspecto, os modestos 6,4 milhões de turistas estrangeiros que vem ao Brasil a cada ano (contra 50 milhões da Itália, 70 milhões da Espanha, 78 milhões dos EUA e os 85 milhões da França) acaba sendo uma vantagem. No sentido inverso, mesmo no auge do boom apenas 2,5% dos brasileiros fizeram viagens internacionais, diminuindo os riscos de trazer de volta o contágio. Lugares turísticos são mais intensamente habitados por idosos, aí vai uma primeira palavra de alerta. Um atenuante é que o número de médicos por habitantes sobe com a proporção de idosos na população, provavelmente mediados pela tendência comum dada pela variável renda, ou por indicadores de desenvolvimento humano. O acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS) desempenha papel central na defesa contra a pandemia, servindo a idosos de todas as faixas de renda.

De maneira geral, os idosos brasileiros estão localizados em domicílios menores e possuem renda relativamente alta, homogênea e estável frente ao conjunto da população. Tais fatores auxiliam o desenho e a operação de políticas de isolamento social e de proteção a este grupo. As maiores dificuldades encontradas estão na baixa escolaridade e na dificuldade de conectividade deste grupo. Comunicação simples e direta por meios analógicos parecem integrar os cuidados na proteção dos idosos.

[3] Nos dados Censitários há uma inversão de posições entre Porto Alegre e Rio de Janeiro.

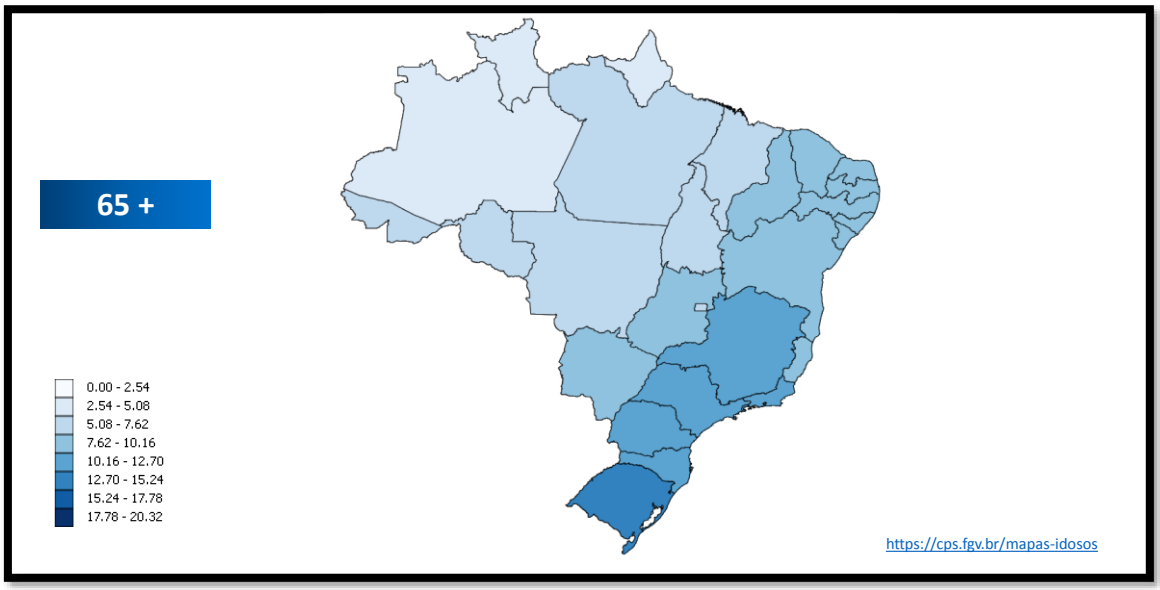
Mapas - % de Idosos com 65 anos ou mais no (a) Mundo, (b) Estados, (c) Municípios e (d) Regiões Administrativas da Cidade do Rio de Janeiro

(a) 2020



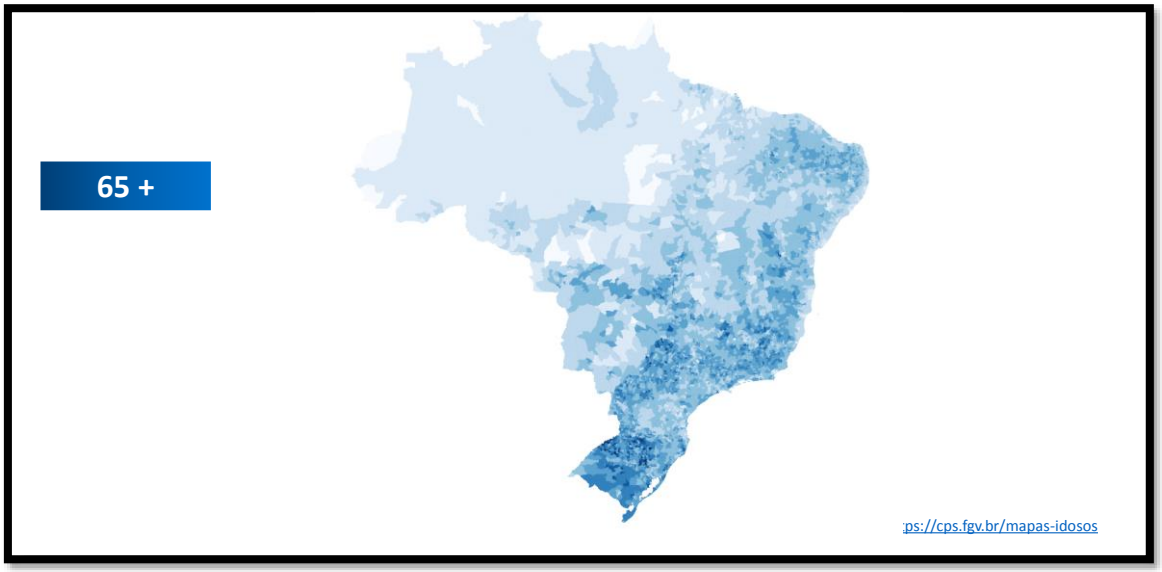
Fonte: FGV Social usando dados da ONU

(b) 2020



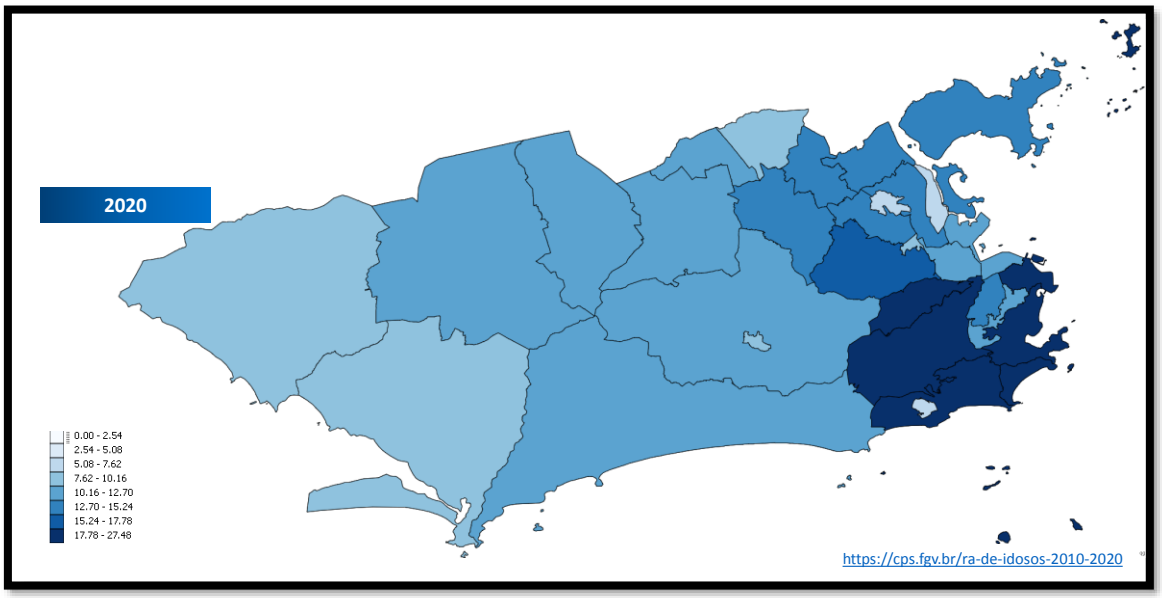
Fonte: FGV social usando dados do IBGE

(c) 2015



Fonte: FGV social usando informações do DataSUS

(d) 2020



Fonte: FGV Social usando projeções de Beltrão e Sugahara